

# A “cabeça na guilhotina” de Rodrigo Francisco no regresso à escrita

**Teatro**  
Gonçalo Frota

Nove anos depois, um texto do director da Companhia de Teatro de Almada volta a estreiar-se em Almada. Com Maria Abreu e Diogo Dória

“*Emma Bovary c’est moi*” (Emma Bovary sou eu), terá respondido Gustave Flaubert em tribunal, quando confrontado com as acusações de ofensa à moral e à religião decorrentes da vida que inventou para a sua protagonista em *Madame Bovary*. Parafraaseando o autor francês, também agora Rodrigo Francisco declara “Esta Ana Catarina sou eu”. “Se quiser ser mesmo honesto comigo, eu sou esta mulher. Agora, nada desta mulher tem que ver com a minha biografia — e tudo tem que ver com a minha biografia”, baralha e volta a dar o autor e encenador de *Fenda*.

Ana Catarina Nunes é uma jornalista televisiva, a estrela da estação e um aparente pilar de sobriedade e integridade num universo profissional cada vez mais promiscuo e invadido pelos mandamentos do entretenimento. Os traços biográficos podem não corresponder exactamente ao percurso de Rodrigo Francisco, mas as palavras que saem da boca de Catarina poderiam, muito bem, ouvir-se num discurso do encenador.

Rodrigo escreveu duas peças dirigidas por Joaquim Benite quando era assistente de encenação do fundador da Companhia de Teatro de Almada — *Quarto Minguante* (2007) e *Tuning* (2010). Em 2013, pouco depois da morte de Benite (que hoje dá nome ao teatro municipal da cidade), Francisco tomou conta das rédeas da companhia e do Festival de Almada, e as responsabilidades de manter vivo o projecto herdado do seu mentor acabaram por o afastar da escrita. Até agora. Até ao momento em que, numa conversa com a actriz Teresa Gafeira, esta o convenceu de que precisava de escrever. E ele percebeu que não podia fugir a essa evidência.

“Acho que o teatro português precisa de textos”, diz Rodrigo Francisco ao PÚBLICO, dias antes da estreia de *Fenda* no Teatro Joaquim Benite, onde está em cena até 7 de Abril.



Maria João Abreu interpreta a jornalista de televisão Catarina Nunes

“Garrett fundou o teatro nacional, mas um dos desígnios era fundar também um repertório — e isso, apesar de tudo, está por fazer.” O autor e encenador culpa os anos da censura como um dos maiores obstáculos a esse propósito, mas admite que “é sempre muito mais fácil pegarmos em textos que já estão testados em países onde o teatro está muito

desenvolvido e trazê-los para a realidade portuguesa”. E exemplifica com um caso muito à mão: a sua anterior encenação, *Mártir*, do alemão Marius von Mayenburg, “um autor notável”. “Só se formos muito artolas — e às vezes somos — é que com um texto desses ou com um Shakespeare não conseguimos fazer um bom espectáculo.”

*Fenda* é, por isso, “um passo arriscado”. Ou, por outras palavras, uma “grande cabeça na guilhotina”. Sem saber muito bem de onde lhe veio o impulso para escrever a história de Catarina Nunes (Maria João Abreu), desafiada por questões sentimentais (na sua relação amorosa com Winnie de Sousa, interpretada por Mina Andala), por conflitos éticos e profissionais na ligação ao empresário dos *media* Simão da Veiga (Diogo Dória) ou por dificuldades gritantes em gerir os afectos familiares com a mãe (um fantasma persistente) e o filho (João Farraia), é o retrato de uma mulher em contínuo sobressalto.

Por muito que *Fenda* toque em muitos temas “quentes”, do questionamento da verdade nos meios de comunicação social e da espectacularização das notícias ao pós-colonialismo, às crises migratórias

e à vulnerabilidade da integridade à medida que se dá uma ascensão social e profissional, Rodrigo Francisco garante que não procurou fazer “uma peça sobre o que quer que fosse”. “Procuerei antes fazer uma peça como não muitas vezes se faz em Portugal e como poucas vezes se faz de autores portugueses — uma peça com personagens, conflitos, um texto para os actores.” Daí que assuma uma filiação na tradição anglo-saxónica, na veia de autores clássicos como Arthur Miller ou Tennessee Williams.

A essa tradição interessa-lhe, no entanto, juntar um tom de modernidade — as câmaras invadem o palco a toda a hora, como se nada lhes pudesse, de facto, escapar. “As pessoas só se interessarão pelo teatro se acharem que o teatro tem alguma coisa que ver com as suas vidas”, justifica. “Com todos os meios disponíveis, as pessoas hoje têm acesso a tudo instantaneamente e de forma gratuita; assim sendo, porque é que alguém há-de pagar para assistir a um espectáculo de teatro?” Só no caso de a peça em cena, acredita, conseguir retirar a maiúscula da História e desembranhar uma história que se sinta deste tempo e desta gente.

“**As pessoas hoje têm acesso a tudo de forma gratuita; porque é que alguém há-de pagar para assistir a um espectáculo de teatro?**”